

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GABRIELA LETÍCIA CÉSAR COSTA

ULISSES IZIDORIO DA SILVA NETO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Maceió

2021

GABRIELA LETÍCIA CÉSAR COSTA

ULISSES IZIDORIO DA SILVA NETO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora e orientador como parte integrante dos requisitos para colação de grau e obtenção do título de Psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Leogildo Alves Freires.

Maceió

2021

Efeitos da COVID-19 na vida universitária migrante:

Analisando impactos psicossociais.

Gabriela Letícia César Costa e Ulisses Izidorio da Silva Neto¹

Resumo

O cenário atual, imposto pela pandemia da COVID-19, e a implementação do modelo remoto de educação, implicaram em mudanças nos padrões de deslocamento de estudantes universitários(as) que antes necessitavam realizar a migração pendular entre municípios para ter acesso ao ensino superior. Para além das modificações no processo migratório, a atual pandemia traz outros agravos, como a vulnerabilidade a transtornos mentais e agravos à saúde física. Nesse sentido, o presente estudo buscou analisar os impactos psicossociais da pandemia na saúde psicológica de estudantes universitários(as) que agora retornaram às suas cidades natais. Para tanto, contou-se com a participação de 202 estudantes da Universidade Federal de Alagoas, autodeclarados migrantes. Os(as) participantes foram convidados a responder a um questionário eletrônico contendo as escalas DASS-21 e PERMA-profiler, além de algumas questões discursivas. Os dados quantitativos foram analisados por meio do *software* PASW. Em seguida, foram realizadas as análises lexicais com os dados qualitativos, através do *software Iramuteq*. Os resultados obtidos permitiram observar que os(as) participantes apresentaram níveis considerados severos de depressão, ansiedade e estresse, assim como níveis considerados medianos de bem-estar. Pode-se perceber, ainda, maior afetação psicológica em grupos específicos quando consideradas variáveis socioeconômicas como gênero, orientação sexual e classe social.

Palavras-chave: migração pendular; saúde mental; estudantes; COVID-19.

¹ Graduandos em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas.

Effects of COVID-19 on migrant university life:

Analyzing psychosocial impacts.

Abstract

The current scenario, imposed by the pandemic of COVID-19, and the implementation of remote learning implied changes in the displacement patterns of university students who previously needed to carry out the commuting migration between municipalities to have access to higher education. In addition to changes in the migratory process, the current pandemic brings other health problems, such as vulnerability to mental disorders and physical health problems. As such, the present study sought to analyze the psychosocial impacts of the pandemic on the psychological health of university students who have now returned to their hometowns. To this end, 202 students from the Federal University of Alagoas participated, self-declared migrants. They were asked to answer an electronic questionnaire containing the DASS-21 and PERMA-profiler scales, in addition to some discursive questions. Quantitative data were analyzed using the PASW software. Then, lexical analyzes were performed with qualitative data, using the Iramuteq software. The results obtained allowed to observe that the participants presented levels considered severe of depression, anxiety and stress, and levels considered median of well-being. It is also possible to perceive greater psychological affectation in specific groups when considering socioeconomic variables such as gender, sexual orientation and social class.

keywords: commuting; mental health; students; COVID-19.

Efectos del COVID-19 en la vida universitaria de los migrantes:

Análisis de impactos psicosociales.

Resumen

El escenario actual, impuesto por la pandemia de COVID-19, y la implementación del modelo de educación a distancia, implicó cambios en los patrones de desplazamiento de los estudiantes universitarios (as) que antes necesitaban realizar la migración pendular entre municipios para tener acceso a la educación superior. Además de los cambios en el proceso migratorio, la pandemia actual trae otros problemas de salud, como la vulnerabilidad a los trastornos mentales y problemas de salud física. En este sentido, el presente estudio buscó analizar los impactos psicosociales de la pandemia en la salud psicológica de los estudiantes universitarios que ahora han regresado a sus lugares de origen. Para ello participaron 202 estudiantes de la Universidad Federal de Alagoas, autoproclamados migrantes. Se pidió a los participantes que respondieran un cuestionario electrónico que contenía las escalas DASS-21 y PERMA-profiler, además de algunas preguntas discursivas. Los datos cuantitativos se analizaron mediante el software PASW. Luego, se realizaron análisis léxicos con datos cualitativos, utilizando el software Iramuteq. Los resultados obtenidos permitieron observar que los participantes presentaron niveles considerados graves de depresión, ansiedad y estrés, así como niveles considerados medianos de bienestar. También es posible percibir una mayor afectación psicológica en grupos específicos al considerar variables socioeconómicas como género, orientación sexual y clase social.

Palabras clave: migración pendular; salud mental; estudiantes; COVID-19.

Introdução

Com o intuito de democratizar o acesso ao ensino superior no estado, a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) iniciou seu processo de interiorização e descentralização em 2006 (Lima & Nóbrega, 2012), e atualmente possui, além do campus A.C. Simões, na capital, os campi do interior do estado: UFAL Arapiraca, com unidades também em Viçosa, Penedo e Palmeira dos Índios; Campus CECA, localizado no município de Rio Largo; e UFAL Sertão, em Delmiro Gouveia e unidade em Santana do Ipanema. Entretanto, segundo uma pesquisa realizada com as Instituições de Ensino Superior (Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Espírito Santo [IFES], 2018), ainda é grande o número de estudantes que necessitam realizar a migração pendular entre municípios, ou seja, deslocar-se diariamente de um município a outro, ou mesmo a mudança de residência para outra cidade, a fim de ter acesso ao *campus* em que estão matriculados(as).

Contudo, o cenário atual, imposto pela pandemia da COVID-19, trouxe consigo mudanças abruptas que passaram a nortear nossos modos de funcionamento e relacionamento em sociedade. Foi fundamental, nesse contexto, repensar e adequar os ambientes sociais, laborais e educacionais com medidas de prevenção e proteção da saúde, principalmente no que tange às estratégias de isolamento (Organização das Nações Unidas [ONU], 2020). Por conta disso, o uso de tecnologias digitais e da comunicação foi incorporado em diversas esferas da vida humana, inclusive no âmbito educacional, que sofreu interrupções significativas no modelo presencial, com o objetivo de superar barreiras entre o físico e o virtual, uma vez que as atividades e as relações, em sua maioria, passaram a funcionar de maneira *online*, por meio das plataformas digitais (Rigo et al., 2020).

Nesse ínterim, Leiva et al. (2020) consideram que houve mudanças nos padrões de mobilidade das populações. Os autores apontam dados que demonstram uma redução nos destinos urbanos comumente procurados, como por exemplo, estabelecimentos de recreação,

estações de transporte e espaços de trabalho. Sobre estações de transporte, entende-se o transporte público. Os pesquisadores argumentam sobre a forma com que o sistema de transporte pode contribuir para a disseminação do vírus Sars-Cov-2. Nesse sentido, o transporte público é considerado lugar de encontro e aglomeração, não obstante, ser espaço para maior contato com agentes patogênicos devido à maior circulação de pessoas, a exemplo do estudo de Haris (2020) que aponta o metrô como principal agente disseminador do vírus na cidade de Nova Iorque. Por isso, a necessidade de controle desses meios de transporte para evitar a maior dispersão da pandemia.

Outros fatores são considerados por Leiva et al. (2020) para pensar a relação entre fatores de migração e a COVID-19, como a desigualdade social e a segregação socioespacial. Em regiões de maior variação socioeconômica, a dispersão do vírus é mais tendenciosa. Isso significa dizer que as populações menos abastadas sofrem mais com a contaminação, e o transporte público, meio mais utilizado por esse substrato, é um dos principais fatores disso. Sobre segregação socioespacial, os autores consideram a distância de acesso aos centros urbanos, onde geralmente se concentram os locais de trabalho e comércio. Como a população de estudantes depende em sua maioria desse meio de locomoção, tanto pelo fator econômico, como também pela necessidade de realizar esse deslocamento a fim de ter acesso à educação superior, pode-se inferir que, nesse contexto, se tornam alvo fácil de contágio do novo coronavírus.

Todavia, em Alagoas, o governo do Estado trouxe restrições fundamentais ao transporte público e à educação em todos os seus decretos de medidas de combate ao Sars-Cov-2 (Alagoas, 2021), o que também implicou mudanças nos padrões de processos migratórios de estudantes universitários(as). Acrescenta-se ainda, a portaria n. 343, de 17 de março de 2020, do Ministério da Educação (MEC), que deliberou sobre o ensino remoto, estabelecendo a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar

a situação de pandemia do Novo Coronavírus. Devido à mudança das aulas para o formato remoto/ *online*, os(as) estudantes passaram a estudar nas suas próprias residências, permanecendo distantes dos centros educacionais e das relações presenciais ali estabelecidas (Rodrigues et al., 2020).

Mas não somente o marcador de classe social deve ser considerado, uma vez que há outros marcadores que também atravessam as pessoas em nível individual e coletivo. Segundo Akotirene (2019), é impossível separar as opressões sociais provocadas pela desigualdade social dos fatores de raça e gênero. A partir da abordagem da interseccionalidade, compreende-se que há uma estrutura capitalista, racista, cisheteropatriarcal que coloca o homem cis hétero branco de classe média a alta no topo de privilégios da sociedade. Em contrapartida, a mulher preta pobre como a base da pirâmide que sustenta essa sociedade classista com a obrigação do cuidado que lhe é imposta. Com isso, para a autora é fundamental intercruzar os marcadores de classe, raça e gênero para pensar a dinâmica social e os efeitos dela sobre uma pessoa.

Os reflexos dessa realidade constam no relatório de monitoramento da educação da UNESCO. A nível mundial, mais de 90% da população estudantil foi afetada pelo fechamento das escolas devido à COVID-19 (UNESCO, 2020). No Brasil, essa população equivale a cerca de 52 milhões de estudantes, desses, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2021), 8.603.824 milhões correspondem a alunos(as) do ensino superior. Essa expressiva população tem sido acometida pelos diversos efeitos decorrentes das medidas indispensáveis adotadas para frear a transmissão acelerada do vírus, sendo assim, faz-se necessário estudar quais os efeitos disso na saúde mental e no desempenho acadêmico desses estudantes.

Nessa direção, para além das modificações de padrões de deslocamento impostas pela COVID-19 e do ambiente universitário por si só como desencadeador de mal-estar, a atual

pandemia traz outros agravos. Conforme Rodrigues et al. (2020), uma quarentena é desagradável pois nela se experiencia, por exemplo, distância de pessoas queridas, o tédio e incertezas quanto ao futuro. Adoecimentos por ansiedade e depressão são apontados, e pessoas com antecedentes psiquiátricos podem ter maior predisposição ao estresse pós-traumático. Nesse contexto, Pellanda (2020) considera ainda como fatores de aumento da ansiedade e depressão a necessidade exagerada de estado de vigilância e o luto. Para a autora, mais tempo em casa potencializa situações de vulnerabilidade como violência doméstica e falta de estrutura para lidar com as atividades escolares *online*, o que aponta também para desigualdade social. Rodrigues et al. (2020) trazem que estudantes universitários(as) podem sofrer com ansiedade, medo, tentativas de suicídio e abuso de substâncias, uma vez que a pandemia distancia dos amigos, há o medo da infecção de parentes mais idosos e traz maiores preocupações quanto ao rumo da formação e o mercado de trabalho, o que implica no desempenho acadêmico.

Um contraponto a esses afetos e sintomas negativos está na percepção de bem-estar. Esse pode ser definido e medido tanto objetivamente, por meio de condições sociais e ambientais que proporcionam bem-estar como oportunidades de educação e baixos níveis de poluentes, como subjetivamente, direcionado a aspectos suprapessoais (Butler & Kern, 2016). Até meados da década de 1990, estudos sobre a felicidade eram tidos por irrelevantes, até que resultados de pesquisas apontaram sobre a importância de considerar não somente aspectos ou sintomas negativos, como a redução do mal-estar psíquico, mas também, os aspectos e afetos positivos, como o aumento do bem-estar subjetivo (BES), as instituições positivas e os traços individuais positivos, o que caracteriza os objetos de estudos da Psicologia Positiva (Zanon et al., 2020).

Segundo trazem Zanon et al. (2020), o BES pode ser definido como um composto de três fatores: um fator cognitivo (eudaimônico) que é a satisfação com a vida, a qual representa

a avaliação cognitiva do nível de contentamento com pontos relevantes da vida, como família e trabalho; e dois fatores emocionais (hedônicos): os afetos positivos, que são a frequência e intensidade por exemplo de alegria e esperança; e os afetos negativos, os quais dizem da frequência e intensidade por exemplo de angústia e medo. Desde 1984, o autor Diener considera que o BES mistura domínios hedônicos com domínios eudaimônicos (Butler & Kern, 2016). Zanon et al. (2020) consideram, por meio de estudos anteriores, que o aumento do BES pode contribuir para reduzir sintomas psicopatológicos como também manter a saúde mental durante e após a pandemia de COVID-19, uma vez que o bem-estar subjetivo está relacionado à maior longevidade e preservação da saúde mental, não obstante pessoas com maiores níveis de satisfação com a vida apresentam menores índices de depressão, ansiedade e estresse, o que corrobora o estudo de Freires et al. (2021).

Dentre vários modelos construídos para melhor compreender e medir esse construto abstrato denominado BES, e que também incluem elementos tanto cognitivos quanto emocionais, utilizou-se neste estudo o modelo teórico e psicométrico PERMA desenvolvido por Martin Seligman, o qual concentra cinco fatores, a saber Emoção Positiva (P), Engajamento (E), Relacionamentos (R), Significados (M) e Realização (A) (Butler & Kern, 2016). Vale ressaltar que a Psicologia Positiva não define bem-estar como ausência de doença. A ausência de afeto negativo não é o mesmo que presença de afeto positivo ou felicidade. Levando em conta a necessidade de se compreender o bem-estar psicológico a partir de uma perspectiva includente, considera-se como integrantes deste não apenas os aspectos positivos mas também os negativos, isto é, o mal-estar, como os estados emocionais que podem influenciar na saúde física e mental dos indivíduos.

Por outro lado, ansiedade, estresse e depressão podem ser considerados medidas da vivência do mal-estar psicológico diante de um cenário adoecedor (Martins et al., 2019; Freires et al., 2021). Martins et al. (2019) trazem a depressão como uma psicopatologia

caracterizada pelo rebaixamento do humor e da autoestima, com perda do significado da vida. A ansiedade é uma pré-ocupação pessimista com uma situação futura, que pode ocorrer com indivíduos inseguros ou que sentem ameaças existenciais. A ansiedade pode ser adaptativa ou patológica a depender de sua frequência e intensidade. Por último, os autores trazem considerações sobre o estresse, o qual pode ser considerado como um estado de tensão exagerada pela sensação de falta de recursos de enfrentamento de determinada situação. E assim como a ansiedade, o estresse pode ser patológico a depender da intensidade e frequência percebida. Esses três estados/afetos podem estar, em alguma medida, relacionados uns com os outros (Martins et al., 2019; Freires et al., 2021; Freires et al., 2018).

Diante do exposto, reitera-se que o ambiente universitário tem sido recorrentemente considerado como propiciador de adoecimento (Freires et al., 2018; Freires et al., 2021). Isso acontece, em função de um conjunto de aspectos subjetivamente danosos, tais como cobrança por alta produtividade, ambiente competitivo, incertezas quanto ao mercado de trabalho, menos tempo para atividades sociais e de lazer que contribuem para números expressivos de mal-estar em estudantes universitários(as), o que podem acarretar em agravos tanto à saúde física, quanto à saúde mental (Freires et al., 2021). Segundo Rodrigues et al. (2020), estudantes universitários(as) estão mais vulneráveis ao adoecimento mental em razão dos desafios impostos pelas mudanças para a vida adulta, atrelada às dificuldades econômicas.

Nesse sentido, considerando o atual cenário, o presente estudo objetivou conhecer os efeitos da COVID-19 no bem e mal-estar psicológicos de estudantes universitários(as) que necessitavam se deslocar de uma cidade para outra a fim de terem acesso ao ensino superior e que agora retornaram às suas cidades natais. Especificamente, buscou-se considerar e analisar os impactos psicossociais na saúde psicológica destes sujeitos, uma vez que a pandemia da COVID-19 levou a necessárias medidas de isolamento social. Seus efeitos ainda necessitam de investigação, pois esse debate sustentado por evidências científicas, ainda aparece de

maneira incipiente na literatura a respeito do tema. Sendo assim, estudos desta natureza são importantes pois podem contribuir com a ampliação de informações voltadas para esse contexto, e constituir subsídios para a elaboração de intervenções mais apropriadas e coerentes com a realidade que está sendo vivenciada. A seguir descreve-se método, resultados e discussão do presente estudo.

Método

Participantes

Participaram do presente estudo um total de 202 estudantes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), autodeclarados migrantes, ou seja, que residem em municípios distintos daqueles no qual estudam, com idades variando entre 18 e 58 ($M_{idade} = 23,09$; $DP = 4,48$), sendo a maioria do gênero feminino (69,3%), pardo (42,6%), heterossexual (69,3%), de classe média baixa (44,1%), da área de Ciências humanas (48,0%) e do curso de Psicologia (26%) . Os e as participantes foram selecionados (as) por conveniência, trata-se, portanto, de uma amostra não probabilística, composta por estudantes que faziam parte do perfil preestabelecido e que concordaram em colaborar com o estudo voluntariamente. O perfil mais detalhado da amostra participante deste estudo é apresentado nas Tabela 1, a seguir:

[Inserir Tabela 1 aproximadamente aqui]

Instrumentos

Os participantes foram convidados a responder um questionário eletrônico que continha, inicialmente, as seguintes medidas:

Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21) desenvolvida por Peter Lovibond (1995) e adaptada para o contexto brasileiro por Vignola e Tucci (2014) é constituída por 21 itens distribuídos em três dimensões que investigam a intensidade de

comportamentos e sensações experimentadas nos últimos sete dias: depressão (e.g., *Não consegui vivenciar nenhum sentimento positivo*), estresse (e.g., *Achei difícil me acalmar*) e ansiedade (e.g., *Preocupe-me com situações em que eu pudesse entrar em pânico e parecesse ridículo/a*). Os índices de consistência interna (alfas de Cronbach) dos fatores foram 0,92, 0,90 e 0,86, respectivamente. Seus itens são respondidos em escala que varia de **0** = *Não se aplica a mim* a **3** = *se aplica muito a mim*. Uma versão atualizada foi publicada recentemente por Martins et al. (2019) no Brasil, em que os itens foram revisados, tal proposta foi utilizada no presente estudo.

PERMA Profile. Uma medida multidimensional desenvolvida por Butler Kern (2016), baseada no modelo de bem-estar proposto por Martin Seligman. Seu nome é um anagrama para os cinco pilares que definem o bem-estar: *Positive emotion, Engagement, Relationships, Meaning, e Accomplishment*, que podem ser traduzidos para o português como **emoções positivas** (e.g., *Com que frequência você se sente bem?*), **engajamento**, que pode ser entendido como a concentração e o foco nas atividade com as quais o sujeito se envolve (e.g., *Com que frequência você se envolve no que está fazendo?*), **relacionamentos**, ou seja, os laços sociais e a qualidade dos mesmos (e.g., *Até que ponto você recebe ajuda e apoio de outros quando precisa deles?*), **significado**, definido em termos de ter uma direção na vida, um propósito (e.g., *Em geral, até que ponto você leva uma vida com propósito e significado?*) e **realização**, a conquista de ambições pessoais (e.g., *Em que medida você sente que está progredindo na direção para atingir seus objetivos?*). Esta escala possui 23 itens e, além das dimensões principais, se dirige também a avaliar as emoções negativas, a solidão e a saúde física. Os participantes foram solicitados a responder os itens em uma escala tipo *Likert* de onze pontos, com respostas colocadas gradualmente de **0** = *"não se aplica de maneira alguma"* a **10** = *"aplica-se completamente, ou na maioria das vezes"*. Os índices de consistência interna (alfas de Cronbach) dos fatores foram 0,88, 0,72, 0,82, 0,90 e 0,79,

respectivamente. A versão utilizada neste estudo foi traduzida e adaptada para o contexto brasileiro por Carvalho et al. (2021) e obteve bons indicadores de validade e de precisão, com coeficientes de alfa de Cronbach variando de 0,76 a 0,90 em todos os fatores, e de 0,59 no fator engajamento.

Além disso, os participantes responderam a algumas *questões sociodemográficas*, como orientação sexual, raça e etnia, além de questões socioeconômicas. Por fim, foram feitas *duas perguntas abertas* aos estudantes: “Como você vivencia esse processo?” (para o relato aberto da vivência pessoal de mudança no processo migratório no contexto da COVID-19); e “Essa nova realidade impacta na sua saúde mental e no seu desempenho acadêmico? Se sim, de qual(is) forma(s)?”. O formato aberto e discursivo em que a questão foi pensada permite ao aluno responder com mais liberdade, podendo provocar o surgimento de informações diversas que, numa outra configuração, talvez não fossem contempladas.

Procedimentos

Tanto o contato com os participantes como a coleta de dados ocorreu de forma remota. Nesse sentido, as respostas aos instrumentos aplicados foram obtidas por meio de um questionário eletrônico autoaplicável, contendo todas as instruções necessárias, hospedado na plataforma *Google Formulários*. A parte inicial do formulário consistia na apresentação dos objetivos do estudo, bem como do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE), respeitando os preceitos éticos de pesquisa com seres humanos (Resoluções do CNS 466/2012 e 510/2016). Todos os participantes foram informados do caráter voluntário da pesquisa e assegurados do anonimato de suas respostas. Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em pesquisa (CEP - UFAL) sob o parecer nº 4.526.599. Estima-se que o tempo médio para concluir a participação no estudo foi de aproximadamente 15 minutos.

Análise de dados

Os dados foram analisados de maneira quantitativa e qualitativa, dividido em dois blocos principais, estritamente por fins didáticos. No primeiro momento, foram tabulados e analisados por meio do *software* PASW, com aplicação de técnicas de análises de estatísticas descritivas e de comparação de médias (MANOVAs) para caracterização dos níveis de bem e mal-estar dos participantes e em seguida, análises de correlação de *Pearson*, a fim de conhecer a magnitude de associação entre as variáveis de interesse do presente estudo.

No segundo momento, foram realizadas as análises lexicais, em que as respostas dos sujeitos foram transcritas, e posteriormente, tabuladas e analisadas no *software Iramuteq* (Ratinaud, 2009). O material foi organizado em um *corpus* textual e posteriormente submetido à análise de *Classificação Hierárquica Descendente* (CHD), método de *Reinert*, tal procedimento permite que os segmentos de texto sejam classificados em função de seus respectivos vocabulários, com base na frequência e no χ^2 (qui-quadrado), possibilitando o agrupamento de classes de Unidades de Contexto Elementares (UCEs). Essas classes organizam os STs (Segmentos de Textos) que possuem vocabulário semelhante entre si e ao mesmo tempo, são distintos em relação às outras classes. Seguindo dessa etapa, foi realizada a nomeação das classes tendo como referência os fragmentos de textos que se relacionam com as palavras indicadas na lista gerada. Depois de criadas, as classes de UCEs foram, então, nomeadas, descritas e embasadas a partir da literatura científica do tema (Camargo & Justo, 2013).

Resultados

Como mencionado anteriormente, os resultados serão descritos em dois blocos principais. Sendo o primeiro de natureza quantitativa, descritiva e correlacional e o segundo de natureza qualitativa e interseccional.

Perfil descritivo do bem e mal-estar psicológicos e seus correlatos socioeconômicos.

Com a finalidade de conhecer o perfil descritivo da amostra geral quanto às variáveis de bem e mal-estar psicológico mensuradas nos participantes do presente estudo, foram realizadas análises de estatística descritiva (médias e desvio-padrão) das pontuações dos fatores da DASS-21 e do PERMA *profile*. Como supramencionado, a DASS-21 permite avaliar os níveis de depressão, ansiedade e estresse, sendo que seu nível de mensuração possibilita respostas que variam de 0 a 3, ou seja, quanto mais próximo dos extremos do intervalo de mensuração, maior ou menor será a pontuação dos sujeitos nesses fatores. No fator *depressão*, a pontuação média da amostra foi de 23,7 ($DP= 12,61$), já no fator *ansiedade* foi de 16,65 ($DP= 12,04$) e por fim, 26,28 em *estresse* ($DP= 11,34$). Diante disso, segundo Lovibond e Lovibond (1995), a amostra obteve indicadores de níveis de depressão considerados severos (entre 21 e 27), assim como em ansiedade (entre 15 e 19) e estresse (entre 26 e 33).

Com relação aos fatores do PERMA, apesar de não existir um ponto de corte para situar os escores dos sujeitos, o seu nível de mensuração varia de 0 a 10, em todas as dimensões (bem-estar geral, emoções negativas, saúde física, solidão e felicidade), é possível estabelecer um ponto médio em torno do que seria considerado o ponto central da escala de resposta (ponto médio = 5). Neste sentido, todas as pontuações encontram-se acima deste valor crítico. No fator *bem-estar geral*, a pontuação média da amostra foi de 6,46 ($DP= 1,81$), seguido pelo fator *emoções negativas*, com média igual a 7,24 ($DP= 2,15$), enquanto que para *saúde física*, a pontuação média encontrada foi de 6,16 ($DP= 2,23$). Os fatores *solidão* e *felicidade* apresentaram média de 6,05 ($DP= 3,05$) e 6,49 ($DP= 2,20$), respectivamente.

Em seguida, nesta seção, buscou-se para além de caracterizar os níveis de bem e mal-estar psicológicos em estudantes migrantes durante a pandemia, conhecer a relação entre tais construtos com variáveis socioeconômicas. Nesse sentido, utilizou-se a análise de correlação de Pearson, para investigar a magnitude da associação entre tais variáveis. De

acordo com o que se observado na Tabela 4, foi possível obter correlações estatisticamente significativas entre as variáveis de bem e mal-estar psicológico com todas as variáveis socioeconômicas, com exceção de *raça/etnia*. Tendo o *gênero* se correlacionado positivamente com *depressão* ($r = 0,27; p > 0,01$), *ansiedade* ($r = 0,28; p > 0,01$), *estresse* ($r = 0,35; p > 0,01$) e *emoções negativas* ($r = 0,33; p > 0,01$) e negativamente com *bem-estar geral* ($r = -0,15; p > 0,05$) e *saúde física* ($r = -0,16; p > 0,01$). *Orientação sexual*, por sua vez, se correlacionou positivamente com *depressão* ($r = 0,25; p > 0,01$), *ansiedade* ($r = 0,23; p > 0,01$), *estresse* ($r = 0,19; p > 0,01$) e *solidão* ($r = 0,23; p > 0,01$) e negativamente com *bem-estar geral* ($r = -0,18; p > 0,01$), *saúde física* ($r = -0,15; p > 0,05$) e *felicidade* ($r = -0,25; p > 0,01$). Por fim, *classe social* se correlacionou negativamente com *depressão* ($r = -0,14; p > 0,05$), *ansiedade* ($r = -0,18; p > 0,01$), *estresse* ($r = -0,12; p > 0,01$), *saúde física* ($r = -0,13; p > 0,01$) e *solidão* ($r = -0,12; p > 0,01$), e também positivamente com *bem-estar geral* ($r = 0,12; p > 0,05$) e *felicidade* ($r = 0,15; p > 0,05$).

[Inserir Tabela 2 aproximadamente aqui]

Por fim, vale destacar que os resultados apresentados até o momento, levaram em consideração a amostra geral. Com o intuito de suprir essa limitação, para não incorrer em superficialidade das análises, buscou-se também comparar as diferenças de médias da amostra participante, considerando os marcadores de gênero, orientação sexual, raça/etnia, classe social e área do conhecimento. Nesta direção, as Análises de Variância Multivariada (MANOVAs) indicaram diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos grupos quando comparados pelos marcadores socioeconômicos indicados previamente, com exceção de raça/etnia e de área de conhecimento. Estes resultados são descritos na Tabela 3, a seguir.

[Inserir Tabela 3 aproximadamente aqui]

Inicialmente, procurou-se verificar diferenças entre homens e mulheres, considerando como variável antecedente o gênero e como critério as dimensões de bem e mal-estar psicológicos. Os resultados desta análise corroboraram a variabilidade nas pontuações dos participantes [*Lambda* de Wilks = 0,78; $F(8, 193) = 6,82, p < 0,001$].

Como pode ser observado na tabela acima, procurando identificar onde estavam as diferenças entre os grupos, foram realizados testes *post hoc* (Bonferroni), comparando os pares de médias. Constatou-se que as mulheres apresentaram maior média do que os homens nas dimensões de mal-estar psicológico, a saber: *depressão* ($M = 25,80; DP = 12,74$) [$F(8, 193) = 13,39, p < 0,001$], *ansiedade* ($M = 18,85; DP = 11,82$) [$F(8, 193) = 16,42, p < 0,001$], *estresse* ($M = 28,88; DP = 10,33$) [$F(8, 193) = 26,88, p < 0,001$] e *emoções negativas* ($M = 7,71; DP = 1,80$) [$F(8, 193) = 23,82, p < 0,001$], sendo estas diferenças estatisticamente significativas. Da mesma forma que os homens tiveram maior média do que as mulheres nas dimensões de *bem-estar geral* ($M = 6,85; DP = 1,61$) [$F(8, 193) = 4,18, p < 0,05$] e *saúde física* ($M = 6,69; DP = 1,97$) [$F(8, 193) = 5,12, p < 0,05$], que são componentes do bem-estar psicológico.

Após verificar as diferenças quanto ao gênero dos participantes, seguiu-se ampliando este campo de investigação, considerando o mesmo desenho da análise anterior, contudo, levando em conta a orientação sexual como variável critério, nesta oportunidade. Os resultados desta análise corroboraram a variabilidade nas pontuações dos participantes [*Lambda* de Wilks = 0,82; $F(16, 384) = 2,44, p < 0,05$]. O *post hoc* (Bonferroni) indicou que sujeitos que se identificaram como bissexuais apresentaram maiores médias nas dimensões relacionados ao mal-estar psicológico, *depressão* ($M = 29,93; DP = 10,24$) [$F(16, 384) = 5,94, p < 0,05$], *ansiedade* ($M = 22,35; DP = 8,31$) [$F(16, 384) = 4,99, p < 0,05$] e *estresse* ($M = 30,80; DP = 8,31$) [$F(16, 384) = 3,45, p < 0,05$]. Por sua vez, sujeitos identificados como homossexuais obtiveram maior média na dimensão *solidão* ($M = 7,44; DP = 2,34$) [$F(16, 384)$]

= 6,10, $p < 0,05$], enquanto que a média no componente *felicidade* foi maior para o grupo heterossexual ($M = 6,85$; $DP = 2,05$) [$F(16, 384) = 7,76$, $p < 0,05$].

Por fim, fechando esta seção, a classe social foi inserida como variável critério considerando a mesma configuração analítica anteriormente reportada. Os resultados desta análise corroboraram a variabilidade nas pontuações dos participantes [*Lambda* de Wilks = 0,74; $F(24, 554) = 2,44$, $p < 0,001$]. O *post hoc* (Bonferroni) indicou que pessoas de classe baixa tiveram as maiores médias no em *depressão* ($M = 27,41$; $DP = 11,71$) [$F(24,554) = 3,23$, $p < 0,05$], *ansiedade* ($M = 20,64$; $DP = 12,57$) [$F(24,554) = 3,79$, $p < 0,05$] e *estresse* ($M = 29,50$; $DP = 10,47$) [$F(24,554) = 2,83$, $p < 0,05$], que são os componentes do mal-estar psicológico. Quando consideradas as variáveis relacionadas ao bem-estar psicológico, os resultados indicam que pessoas de classe média apresentaram maiores médias para *saúde física* ($M = 7,00$; $DP = 2,04$) [$F(24,554) = 5,76$, $p < 0,05$] e *felicidade* ($M = 7,05$; $DP = 1,92$) [$F(24,554) = 4,14$, $p < 0,05$], ao passo que em *solidão*, a maior média foi obtida pelo grupo de pessoas de classe alta ($M = 7,82$; $DP = 2,85$) [$F(24,554) = 8,42$, $p < 0,05$].

Em resumo, observou-se o seguinte panorama na vida universitária migrante durante a COVID-19: os participantes apresentaram níveis considerados severos de depressão, ansiedade e estresse, assim como níveis considerados medianos de bem-estar, na amostra em geral. Sendo que tais pontuações se correlacionaram com variáveis socioeconômicas que inclusive, diferenciam os sujeitos quanto a maior afetação psicológica, a saber: em grupos de mulheres, quanto ao gênero, em minorias sexuais (bissexuais e homossexuais), quanto à orientação sexual e a classe baixa, quanto a classe social. No entanto, para além de demarcar as diferenças entre estes grupos, é igualmente pertinente conhecer o contexto de produção destas, considerando e analisando conjuntamente tais marcadores sociais, dada a impossibilidade de atribuir maior ou menor impacto a um deles, individualmente, nestas vivências marcadas pelos processos multifacetados de migração, exclusão e discriminação

social. Para sanar essas limitações, a seguir recorre-se ao amparo da perspectiva interseccional para ampliar o escopo de análise do presente estudo.

Relatos discentes acerca dos efeitos da COVID-19 na vida universitária migrante

Dando prosseguimento e levando em consideração os resultados ora apresentados, julgou-se necessário, considerar e analisar o que foi reportado em maior abrangência metodológica, a saber, para além do caráter descritivo e correlacional do presente estudo.

Sendo assim, neste segundo bloco de resultados, recorreu-se a abordagem qualitativa para subsidiar o tratamento dos relatos de estudantes migrantes acerca dos impactos da COVID-19 na sua vivência atual. O *corpus* foi nomeado de “*Efeitos da COVID-19 na vida universitária migrante*”, sendo dividido inicialmente em duas principais partições: a do lado esquerdo originou e agrupou a classe 3; enquanto a do lado direito deu origem às classes 1 e 2. A CHD foi constituída por 334 UCEs, com aproveitamento de 87,72% (293 UCEs), reunindo 9.448 palavras. Estes resultados podem ser observados na Figura 1 e logo abaixo são apresentadas as palavras de cada classe e os valores dos respectivos qui-quadrados (valor mínimo duas vezes o $\chi^2 \geq 3,86$) e a frequência de cada palavra.

[Inserir Figura 1 aproximadamente aqui]

A Classe 1 (48,46% UCEs) reuniu as palavras “*voltar*” ($f=36$; $\chi^2=34,74$), “*Maceió*” ($f=31$; $\chi^2=14,37$), “*morar*” ($f=33$; $\chi^2=11,09$), “*retornar*” ($f=10$; $\chi^2=11,01$), “*interior*” ($f=10$; $\chi^2=11,01$), “*casa*” ($f=74$; $\chi^2=10,66$), “*necessidade*” ($f=8$; $\chi^2=8,75$), dentre outras. A mesma foi denominada de “*Itinerário da migração*”, uma vez que explicita as mudanças na dinâmica migrante dos(as) estudantes que foram forçados(as) a retornar às suas cidades natais em decorrência da pandemia da COVID-19 e a suspensão das atividades presenciais das IES, não obstante, tais itinerários são permeados por impactos nas relações familiares, sociais e financeiras.

Os segmentos de texto seguintes exemplificam a classe: *“Tenho que ficar sozinho em Maceió por conta das dívidas da casa que moro, vou ter que voltar pro interior por tempo indeterminado porque minha mãe está preocupada comigo sozinho.”* (sujeito 107, gênero masculino, bissexual, pardo, de classe média baixa); *“No início da pandemia, retornei para a casa dos meus pais. Foi difícil me readaptar. Acho que juntando com a pandemia, tive todos os tipos de estados emocionais, estou mais desconcentrada, mais estressada.”* (sujeito 10, gênero feminino, heterossexual, branca, de classe média baixa); *“eu vivenciei de forma positiva quando levava em consideração estar perto da minha família depois de anos morando em Maceió.”* (sujeito 20, gênero feminino, heterossexual, indígena, de classe baixa); *“Retornar a minha cidade foi desafiador, enfrentei aqui muitas dificuldades com experiências religiosas traumatizantes que prejudicaram meu desenvolvimento enquanto pessoa. Por comportamentos conservadores de minha família, o que não me permite agir livremente conforme eu gostaria de ser. (...) acaba afetando meu desempenho por trazer algumas preocupações, inseguranças e ansiedades.”* (sujeito 61, gênero não-binário, homossexual, pardo, de classe baixa); e *“Infelizmente, eles não compreendem a necessidade de me deixar estudar. É como se eu estivesse de bobeira em casa.”* (sujeito 86, gênero não-binário, bissexual, branco, de classe média baixa).

A Classe 2 (16,04% UCEs) agrupou palavras como “viver” ($f=9$, $\chi^2=36,59$), “computador” ($f=6$, $\chi^2=20,6$), “vida” ($f=15$, $\chi^2=16,33$), “saúde” ($f=5$, $\chi^2=15,45$), “medo” ($f=13$, $\chi^2=14,44$), “família” ($f=35$, $\chi^2=13,14$), “tempo” ($f=30$, $\chi^2=10,56$). Por abordar elementos que apontam para uma nova rotina marcada por atividades virtuais, em que as responsabilidades acadêmicas e domésticas por vezes se misturam, implicando agravos à saúde e à organização do tempo, a classe foi denominada *“A tecnologia e os novos hábitos”*.

Os trechos a seguir justificam a descrição: *“É difícil estudar remotamente, além de passar muito tempo na frente no computador, o ambiente domiciliar atrapalha demais*

devido aos outros integrantes que vivem no mesmo espaço.” (sujeito 138, gênero masculino, bissexual, pardo, de classe média baixa); *“Lá na UFAL, o ambiente e as pessoas me animavam. Me alimento mal e sinto mais dores, me sinto mais cansada e fico mais tempo trabalhando ou estudando. Meus intervalos fora do computador são para comer e dormir apenas.”* (sujeito 50, gênero feminino, bissexual, parda, de classe média baixa); *“É complicado pela própria quebra de rotina, o distanciamento das relações e a nova dinâmica. Passar o dia em frente ao computador me deixa bastante cansado, os olhos ficam ardendo.”* (sujeito 88, gênero masculino, heterossexual, pardo, de classe média baixa); *“Tendo em vista que meus pais são idosos e com doenças crônicas, o medo é maior ao passar a doença para eles.”* (sujeito 32, gênero feminino, heterossexual, parda, de classe baixa); *“Fiquei muito mal durante o tempo que passei com minha família. Isso me trouxe diversas questões, principalmente em relação à convivência, problemas de casa que nunca se resolveram.”* (sujeito 90, gênero masculino, homossexual, pardo, de classe baixa); e *“Sinto que meu desempenho pode ser prejudicado severamente e tenho medo de não me desenvolver ao nível do curso.”* (sujeito 155, gênero feminino, heterossexual, branca, de classe média).

Por último, a Classe 3 (35,49% UCEs) comportou, dentre outras, as seguintes palavras: *“dificuldade”* ($f = 22$, $\chi^2 = 26,88$), *“aula”* ($f = 41$, $\chi^2 = 16,23$), *“ansiedade”* ($f = 11$, $\chi^2 = 10,71$), *“transporte”* ($f = 5$, $\chi^2 = 9,24$), *“desempenho acadêmico”* ($f = 14$, $\chi^2 = 8,29$), *“desgastante”* ($f = 4$, $\chi^2 = 7,37$), *“saúde mental”* ($f = 23$, $\chi^2 = 7,02$). Em virtude desse vocabulário, a classe recebeu o título de *“Agravos de Saúde mental e comprometimento do desempenho acadêmico”*. Seu contexto traz como a atual pandemia acarretou em agravos à saúde mental dos(as) estudantes respondentes e implicou em prejuízos nos processos de ensino e aprendizagem, como pode ser visto nestes trechos: *“Principalmente no desempenho, acredito. Como nunca participei de aulas remotas antes, tenho dificuldade de concentração.”* (sujeito 84, gênero feminino, bissexual, negra, de classe média); *“Estou sempre ansiosa com*

os prazos de entrega de trabalho. Não durmo bem, não como bem e tenho dificuldade de me concentrar.” (sujeito 162, gênero feminino, heterossexual, amarela, de classe média baixa); *“Eu ia e voltava todos os dias para a UFAL no ônibus que meu município disponibilizava. Não ter mais essa rotina me deixou muito abalada e me fez desenvolver alguns problemas de saúde. Estou sofrendo de crises de ansiedade e ataques de pânico, e não consigo me concentrar nas aulas.*” (sujeito 148, gênero feminino, heterossexual, branca, de classe baixa); Acrescenta-se ainda, *“Meu deslocamento era diário, então não necessitei de mudança de moradia. Possuo déficit de atenção, não consigo assistir às aulas como acontecia no presencial. Para mim, se tornou algo estressante e desanimador.*” (sujeito 67, gênero masculino, heterossexual, pardo, de classe média baixa); *“Minha saúde mental fica abalada, pois todos os dias enfrento problemas, gritarias, atividades para fazer, não só estudar e acaba sendo mais correria.*” (sujeito 76, gênero feminino, heterossexual, parda, de classe média baixa); e *“dificuldade de acesso à internet, a perda do emprego, tudo junto influem em dificultar os estudos.*” (sujeito 159, gênero feminino, heterossexual, parda, de classe média baixa).

Discussão

Apesar dos investimentos com a ampliação de campi para outras cidades no seu processo de interiorização e descentralização desde 2006 (Lima & Nóbrega, 2012), aproximadamente 30% dos(as) estudantes da UFAL necessitavam fazer a migração pendular diariamente, e muitas vezes, passaram a residir em outra cidade, para ter acesso ao ensino superior (IFES, 2018). Essa migração porém foi modificada em virtude dos decretos estaduais com restrições ao transporte público e à educação (Alagoas, 2021) e da própria portaria 343, de 17 de Março de 2020, do Ministério da Educação (MEC), em que se delibera sobre o ensino remoto como formas de medidas essenciais de combate ao novo coronavírus. Devido a essas mudanças que implicaram em aulas de formato remoto/ *online*, conforme Rodrigues et

al. (2020), os(as) estudantes passaram a estudar nas suas próprias residências, permanecendo distantes dos centros educacionais e das relações ali estabelecidas.

Nessa direção, Schmidt et al. (2020) apontam que em tempos de pandemia, fatores de saúde psicossociais são secundarizados enquanto se prioriza a saúde física em maior intensidade. Porém, ainda segundo esses autores, tal contexto tem provocado modificações comportamentais como, por exemplo, maior consumo de notícias sobre o tema, afastamento das relações sociais, mudanças de hábitos alimentares e no sono. Entretanto, segundo Taylor et al. (2020), a pandemia da COVID-19 desencadeou um aumento significativo nos níveis de estresse e ansiedade da população em geral. E com estudantes universitários(as) não tem sido diferente, tais grupos têm tido recorrentes aumentos nos níveis de ansiedade, estresse e depressão (Maia & Dias, 2020). Diante do apresentado, até então buscou-se, nesta oportunidade considerar e analisar os impactos psicossociais na saúde mental desses sujeitos, uma vez que os efeitos da pandemia da COVID-19 trazem consequências não só para o desempenho acadêmico dos(as) estudantes, mas também para a saúde mental dos(as) mesmos(as).

Bem e mal-estar psicológicos e seus correlatos socioeconômicos em estudantes migrantes

Conforme mencionado anteriormente, as informações inerentes ao nível de bem e mal-estar psicológico dos(as) participantes deste estudo, foram avaliadas, a princípio, sem nenhuma diferenciação sociodemográfica, como meio de compreender como essas variáveis se apresentam na amostra em geral. Os(as) participantes apresentaram níveis considerados severos de depressão, ansiedade e estresse, bem como níveis considerados medianos de bem-estar, avaliados pela medida PERMA. Cabe ressaltar que essas pontuações não tem fins diagnósticos, mas de levantamento desses indicadores (Lovibond & Lovibond, 1995; Carvalho et al., 2021).

Os resultados encontrados indicam que, de certa forma, toda a amostra está sofrendo agravos de saúde mental causados pela pandemia. Esses achados corroboram com o estudo de Rodrigues et al. (2020), que afirma que o próprio distanciamento social acarreta em agravos na saúde mental e em impactos no desempenho acadêmico, pois, dentre outras coisas, a pandemia tem distanciado as relações com pessoas queridas e traz incertezas quanto ao futuro. Os indicadores de mal-estar psicológico dos(as) estudantes migrantes impactam significativamente na obtenção de elevados níveis de transtornos psicológicos como depressão, ansiedade e estresse. Um achado interessante é que a saúde física dos(as) estudantes também repercute diretamente nos níveis desses transtornos, de modo que quanto menor a qualidade de saúde física dos(as) estudantes, maiores são os níveis de depressão, ansiedade e estresse.

Para além dessa investigação, entendeu-se que levar em conta apenas a amostra geral é bastante limitado, tendo em vista que alguns grupos são afetados com maior intensidade pelos desdobramentos do isolamento social, tendo situações de vulnerabilidade potencializadas. Nesse contexto, foram realizadas análises levando em consideração as diferenças de gênero e orientação sexual, classe social e raça.

Os indicadores de raça e etnia no quesito saúde geralmente vêm atrelados à diferença de condições econômicas e sociais, sob as quais as minorias raciais encontram-se em posição menos favorecida quando comparadas às pessoas brancas. Essas condições, segundo Santos et al. (2020), explicam os impactos desiguais causados pela pandemia na população negra, as quais se encontram, muitas vezes, isoladas dos recursos necessários para a manutenção da vida. Apesar desse contexto, as diferenças de raça não foram significativas para a população da amostra deste estudo em relação às variáveis de bem e mal-estar psicológico. Uma hipótese a ser levantada é a de que, possivelmente, esse não seja um elemento ativo no

convívio familiar, haja vista que todos da casa podem compartilhar de colorismo semelhante ou de compreensão sobre preconceitos sofridos pelo fato de ser negro(a).

Já a respeito dos marcadores de gênero, os resultados evidenciaram maior vulnerabilidade aos agravos de mal-estar psicológico quando esses são vivenciados por pessoas pertencentes às minorias. Foram constatadas diferenças estatisticamente significativas nas médias das dimensões de bem e mal-estar psicológicos. Nesse sentido, o gênero feminino apresentou médias maiores que o gênero masculino nos construtos depressão, ansiedade, estresse e emoções negativas. Em contrapartida, nos construtos de bem-estar geral e saúde física, as maiores médias foram de sujeitos do gênero masculino. Nesse ínterim, podemos ponderar a emergência de participantes com gênero na perspectiva binária (masculino e feminino), porém, há outras matizes para identidade de gênero não contempladas, o que implica uma limitação deste estudo.

Conjetura-se que tal aspecto esteja relacionado à atribuição cultural às mulheres quanto aos cuidados da casa (Fonseca, 2020). Vale ressaltar que as mulheres, quando almejam estudar e/ou trabalhar fora de sua residência, padecem de duplas ou triplas jornadas de trabalho, pois quando retornam para casa ainda necessitam dar conta da organização doméstica, preparo de alimentos, cuidados com filhos(as) e/ou pessoas doentes (Ziliotto & Santos, 2015). Os homens, quando assumem as tarefas de casa, têm sua sexualidade questionada e são ridicularizados, sendo isso mais acentuado quando se considera as cidades do interior, já que são marcadas pelo tradicionalismo cisheteropatriarcal.

Historicamente as mulheres têm assumido a função de cuidados (Akotirene, 2019), inclusive o seu próprio, fortemente vinculados à imagem feminina, o que também acarreta em sobrecarga emocional. Ou seja, o acúmulo de atividades domésticas, para além das obrigações acadêmicas, haja vista essas serem colocadas como exaustivas, costuma ser atribuído para o gênero feminino, o que implica maior cansaço, sensação de impotência, e estresse. Vale ainda

acrescentar que mesmo sem histórico, mulheres em situação de confinamento tornam-se vulneráveis a sofrerem violências domésticas e/ou de gênero, sejam físicas ou psicológicas (Brito et al., 2020).

A desigualdade dos indicadores de bem e mal-estar no tocante à orientação sexual dos sujeitos também é um ponto que merece atenção. Sujeitos bissexuais apresentaram médias mais altas que pessoas heterossexuais nos construtos ansiedade, depressão e estresse. Além do mais, o construto solidão teve médias mais altas para as pessoas pertencentes às minorias sexuais, quando comparados à orientação heterossexual. Não obstante, grupos minoritários, como a população LGBTQ+, encontram-se, mesmo antes das necessárias medidas de distanciamento, mais suscetíveis ao processo de sofrimento e adoecimento mental, por serem expostos a situações de violência, discriminação, condições de vulnerabilidade, além de desvantagens em relação à trabalho, moradia, acesso aos serviços de saúde, entre outros (Cerqueira-Santos & Hohendorff, 2020), fatores que têm impacto relevante na saúde mental dessas pessoas.

Com o isolamento social, muitas pessoas se viram obrigadas a deixarem os lugares onde moram para voltar para a casa de sua família. De acordo com Cerqueira-Santos et al. (2020), essa é uma temática de extrema importância para a população LGBTQ+ e que pode ser responsável por desencadear desconforto e angústia, além de diversas outras situações que prolongam esses sentimentos. Uma situação bastante recorrente no contexto atual diz respeito ao fato de que pessoas que fazem parte da população LGBTQ+ são mais propensas a sofrer violência dentro do ambiente familiar, principalmente quando não são aceitos(as) pela família.

O cenário de distanciamento social exigido contribui ainda para o afastamento das pessoas de sua rede de apoio ou lugares de acolhimento, e priva esse grupo de receber um suporte emocional adequado, intensificando a sensação de isolamento e afetando diretamente a saúde mental que, aliado às violências e preconceitos vivenciados no período pré-pandemia,

acentuam a propensão de pessoas LGBTQ+ a desenvolverem transtornos mentais (Cerqueira-Santos et al., 2020).

No que se refere à classe social também foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Os desdobramentos causados pela pandemia, juntamente com seus efeitos políticos, sociais, econômicos, segundo Cerqueira-Santos e Hohendorff (2020), impactam, tanto de forma individual quanto de forma social, principalmente aqueles que já sofrem com a vulnerabilidade, a desigualdade e a exclusão. No tocante à educação, Lima et al. (2020) também trazem a desigualdade no acesso às tecnologias da informação e comunicação (TICs) e nas condições da moradia dos alunos, necessárias para permanecer no formato remoto de ensino.

Reforçando essa ideia, o estudo de Leiva et al. (2020) traz a desigualdade social correlacionada à COVID-19, implicando maiores prejuízos às populações menos abastadas financeiramente. Semelhantemente a isso, os resultados da análise apontaram que pessoas de classe baixa são mais depressivas, ansiosas, estressadas, com maiores níveis de solidão, e menos indicativos de saúde física.

Ao serem analisados os discursos dos(as) estudantes a partir de uma perspectiva qualitativa, é possível considerar que suas falas são constantemente atravessadas pelas problemáticas sociais e econômicas, indicando aumento de mal-estar físico e psicológico em tais realidades. Com base nos relatos obtidos, na maioria das vezes na qual aparece a palavra “*atividade*” no *corpus textual* no sentido de atividades domésticas, ela foi relatada por pessoas do gênero feminino, exceto uma única vez, evidenciando a discrepância de sobrecarga de atividades quanto ao gênero. Também surgiram falas em que, considerando as discussões acerca da orientação sexual, pode-se inferir que o preconceito intrafamiliar afeta negativamente a sensação de estar em casa, acarretando mal-estar psicológico e prejudicando no desenvolvimento das atividades acadêmicas.

Efeitos da COVID-19 na vida universitária migrante: um olhar interseccional

Após a consideração sobre o estado de saúde mental geral da amostra, e em seguida, a discussão por marcador particularmente, toma-se como referência a abordagem da interseccionalidade. É imprescindível, aqui, o inter cruzamento dos marcadores raça, gênero, orientação sexual e classe para uma reflexão mais adequada sobre os processos sociais aos quais os sujeitos estão expostos (Akotirene, 2019; Schucman, 2014). De acordo com os resultados deste estudo, partindo dessa perspectiva, fica nítido que uma estudante universitária migrante, negra, de minoria sexual e pertencente a classe baixa ou média baixa pontuaria mais em níveis de ansiedade, estresse, depressão e afetos negativos.

A conexão entre esses marcadores potencializa ainda mais a vulnerabilidade de alguns grupos em detrimento de outros, tornando suas rotinas acadêmicas bem mais difíceis, o que impacta negativamente em seu desempenho acadêmico, como foi possível perceber nos relatos da Classe 3 da análise CHD. Segundo Akotirene (2019), a opressão de raça não necessariamente se sobrepõe à opressão de classe, entretanto elas se interligam e formam uma estrutura bastante complexa de discriminação. A depender da classe social que se ocupa, por exemplo, as questões de raça ou gênero podem ser vivenciadas de maneiras diferentes.

Em conformidade com os resultados deste estudo, tal ideia é demarcada na Classe 2 da análise CHD, em que as dificuldades de acesso à internet e tecnologia para o estudo remoto tendem a ser experienciadas com mais intensidades em estudantes negros e de classe baixa, uma vez que a cultura social privilegia a branquitude economicamente por considerar as pessoas brancas como mais aptas ao trabalho e aos estudos, o que costuma proporcionar a uma família branca acesso escolar e estrutura financeira mais abastada (Schucman, 2014). Para além da baixa autoestima frente ao preconceito, pessoas que compartilham dessa configuração precisam lidar ainda com a necessidade de buscar estratégias de sobrevivência econômica com sua família, aprofundada com o atual cenário que é vivenciado.

Desta maneira, entende-se que o aumento do número de pessoas negras no ensino superior não implica o fim da desigualdade social (Ziliotto & Santos, 2015). Vale destacar que para a mulher, além das questões inerentes à raça, há o machismo e o sexismo no ambiente acadêmico e, posteriormente, no mercado de trabalho, visto que a apropriação de cargos, principalmente os de gestão, é preterida pelo homem branco (Ziliotto & Santos, 2015), acentuando ainda mais as preocupações das estudantes quanto ao mercado de trabalho.

Por outro lado, um estudante branco, heterossexual e de classe média tem menos fatores estressores lhe pressionando, uma vez que seus marcadores são considerados o padrão social a ser atingido e que garantem o bem estar. É preciso traçar um comparativo entre uma estudante, ainda que branca e de classe média alta, e um estudante que compartilha dos mesmos marcadores socioeconômicos. Ainda assim, há a tendência de se haver uma sobrecarga maior direcionada à estudante do sexo feminino, dado que, para além das ocupações com os estudos, esta tem a inclinação a ser responsabilizada também por algum tipo de tarefa doméstica.

Em síntese, toda a população analisada está sofrendo agravos de saúde mental. A pandemia teve efeitos de potencializar o preconceito intrafamiliar, disparar desigualdades sociais pela sobrevivência e pela manutenção dos estudos em caráter remoto e a percepção de mal-estar nesses(as) estudantes migrantes, principalmente as estudantes negras, de minorias sexuais, pertencentes às classes sociais menos abastadas, o que corrobora os apontamentos de Ziliotto e Santos (2015). Porém, a educação é potencializadora para o rompimento dos entraves e exclusões produzidas pelo preconceito como afirmam as autoras e Schucman (2014).

Considerações finais

As análises referentes aos índices de bem e mal-estar psicológico nos(as) estudantes universitários(as) migrantes nos levam a refletir que não devem ser negligenciadas as diferenças estruturais que envolvem raça, gênero, classe social e outros aspectos no tocante às condições de saúde mental. Tais particularidades podem, como foi visto, constituir barreiras para lidar com os agravos de saúde mental neste momento. Além disso, reconhece-se que não é suficiente estudar tais marcadores de maneira isolada uns dos outros, mas devem ser considerados a partir de uma perspectiva dialógica, interseccional.

Entende-se que o presente estudo apresenta algumas lacunas. No tocante à amostra utilizada, contou-se com a participação de estudantes apenas da Universidade Federal de Alagoas, mais especificamente aqueles que, num período pré-pandemia, realizavam a migração pendular. Além do mais, observa-se que a amostra se restringe, quase em sua totalidade, ao binarismo de gênero, o que não permite a discussão acerca de grupos não-binários. Dessa forma, pesquisas futuras devem ser promovidas, de forma a contemplar um número maior de participantes, como por exemplo pertencentes a outras instituições e outros estados, e considerar a pluralidade das nuances que representam essa população.

No ínterim dessa discussão, fica nítido o quanto políticas públicas são fundamentais para a promoção da equidade social, como a política afirmativa das cotas para afro descendentes, assim como outras políticas que visem a garantia da manutenção do direito à educação e à saúde. As medidas tomadas contra a disseminação da pandemia foram e ainda são de suma importância, não devendo ser negligenciadas. Porém, é indispensável também que haja engajamento dos governos no sentido de políticas de imunização a fim de avançar na efetividade da vacinação das populações e assim, agilizar processos sociais que vão beneficiar não somente a saúde da população como também a possibilidade de retorno às atividades presenciais, o que interfere diretamente em fatores sócio-econômicos. Dessa forma, os resultados deste estudo podem contribuir com dados e reflexões sobre como as instituições e a

própria figura do Estado, não obstante a ciência, podem se colocar em ações que visem o benefício de estudantes migrantes em termos de estudo remoto, transporte quando em tempos não pandêmicos, moradia, alimentação, acesso à tecnologia e assistência psicossocial.

Referências

Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.

Alagoas (2021). Acesso aos decretos do Governo do Estado de Alagoas como medidas de combate à pandemia do novo coronavírus. Recuperado de <http://www.agenciaalagoas.al.gov.br>

Brito, L., Borges, L., Fortes, P., Gomes, A., Narciso, L., Palácios, M., Rego, S., Santos, S., Schramm, F. R., & Thome, B. (2020). Impactos sociais da Covid-19: Uma perspectiva sensível às desigualdades de gênero.

Butler, J., & Kern, M. L. (2016). The PERMA-Profilier: A brief multidimensional measure of flourishing. *International Journal of Wellbeing*, 6(3), 1-48. doi:10.5502/ijw.v6i3.526

Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em psicologia*, 21(2), 513-518.

Carvalho, T. F., Aquino, S. D. & Natividade, J. C. (2021). Flourishing in the Brazilian context: Evidence of the validity of the PERMA-profiler scale. *Curr Psychol*. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-01587-w>

Cerqueira-Santos, E. & Hohendorff, J. V. (2020). Preconceito e Exclusão Social: O que a Pandemia do Novo Coronavírus Revela?. *Revista de Psicologia da IMED*, 12 (2), 4-6.

Cerqueira-Santos, E., Ramos, M. M., & Gato, J. (2020). Redes de apoio social e saúde psicológica em jovens LGBTQ+ durante a pandemia de COVID-19: Relatório de divulgação de dados preliminares. doi: 10.13140/RG.2.2.30314.54727.

Fonseca, Lázaro Batista da (2020). Narrativas e políticas de um sertão e suas vidas severinas.

Fractal: Revista de Psicologia, 32 (3), 246-252

<https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5686>

Freires, L. A., Monteiro, R. P., Gouveia, E. T. R., Yabe, J. G., Loureto, G. D. L., & Fernandes, S. C. S. (2021). Estresse e bem/mal-estar subjetivo em estudantes universitários: Um modelo explicativo. *Revista de Psicologia da IMED*.

Freires, L. A., Sousa, E. A., Loureto, G. D. L., Gouveia, V. V., & Monteiro, R. P. (2018).

Estresse acadêmico: Adaptação e evidências psicométricas de uma medida. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 12(3), 22–32.

Harris, Jeffrey E. (2020) The subways seeded the massive coronavirus epidemic the New York City. *NBER Working Paper*, n. 27021, Cambridge.

Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Espírito Santo (2018). *V Pesquisa de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) graduando(as) das Ifes – 2018*. Vitória: IFES, 2018.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2021). *Resumo*

técnico do Censo da Educação Superior 2019. [recurso eletrônico]. Recuperado de

<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/resumo-tecnico-do-censo-superior-2019-esta-disponivel>

Lima, C. V. C., & Nóbrega, D. O. (2012). Situando a interiorização universitária da Universidade Federal de Alagoas: O contexto universitário nacional e local que a

- antecede. In: *VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*. São Cristóvão, SE.
- Lima, M., Milanezi, J., Souza, C.J., Gusmão, H. N. B., & Bertolozzi, T. B. (2020). Desigualdades Raciais e Covid-19: o que a pandemia encontra no Brasil?. *Informativo Desigualdades Raciais e Covid-19*, AFROCEBRAP, 1.
- Leiva, G. C., Sathler, D., Orrico Filho, R. D. (2020). Estrutura urbana e mobilidade populacional: implicações para o distanciamento social disseminação da Covid-19. *Ver. Bras. Est. Pop.*, 37, 1-22.
- Lovibond, S.H. & Lovibond, P.F. (1995). Manual for the Depression Anxiety & Stress Scales. (2nd Ed.). *Sydney: Psychology Foundation*.
- Maia, B. R., & Dias, P. C. (2020). Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>
- Martins, B. G., Silva, W. R., Marroco, J., & Campos, J. A. D. B. (2019). Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse: propriedades psicométricas e prevalência das afetividades. *J Bras Psiquiatr*, 68(1), 32-41.
- ONU (2020). 333 mil casos confirmados, “disseminação do coronavírus está acelerando”. Recuperado de <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1708272>.
- Pellanda, L. C. (org). (2020). Pandemia de covid-19 e saúde mental. Protocolos em saúde mental na pandemia de covid-19: um guia com diretrizes práticas. *Ed. da UFCSPA*, Porto Alegre. Recuperado de <http://www.ufcspa.edu.br/index.php/editora/obras-publicadas>

Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. (2020, 18 março). Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Diário oficial da união. Ministério da Educação.

Rigo, R. M., Moreira, J. A. M, & Trindade, S. D. (org.). (2020). *Engagement acadêmico no ensino superior: proposições e perspectivas em tempos de Covid-19*. Ed. da UFCSPA. Recuperado de <http://www.ufcspa.edu.br/index.php/editora/obras-publicadas>

Rodrigues, B. B., Cardoso, R. R. J., Peres, C. H. R., & Marques, F. F. (2020). Aprendendo com o imprevisível: Saúde Mental dos Universitários e Educação Médica na Pandemia de Covid-19. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 44 (sup.1). <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200404>

Santos, M. P. A., Nery, J. S., Goes, E. F., Silva, A., Santos, A. B. S., Batista, L. E., & Araújo, E. M. (2020). População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. *Estudos Avançados*, 34(99).

Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>

Schucman, Lia Vainer (2014). Sim, nós somos racistas: um estudo psicossocial da branquitude paulistana. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 83-94.

Taylor, S., Landry, C., Paluszek, M., Fergus, T. A., McKay, D., & Asmundson, G. J. (2020). Development and initial validation of the COVID Stress Scales. *Journal of Anxiety Disorders*, 72(102232). <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2020.102232>

UNESCO (2020). *Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2020: Inclusão e educação para todos*. Paris, UNESCO.

Zanon, C., Dellazzana-Zanon, L. L., Wechsler, S. M., Fabretti, R. R., & Rocha, K. N. (2020). COVID-19: implicações e aplicações da Psicologia Positiva em tempos de pandemia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e200072. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200072>

Ziliotto, Denise M.; Santos, Leticia L. dos (2015). Histórias de Trabalho de Mulheres Negras com Ensino Superior. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, 6(2), 71 - 91. Recuperado de <https://revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7024>

Apêndices

Tabela 01. Perfil acadêmico e socioeconômico da amostra do presente estudo.

Área	%	Cursos	%	Área	%	Cursos	%		
Humanas	48	Psicologia	26,8	Exatas	18,2	Engenharia	10,6		
		Letras	4,5			Matemática	3,0		
		Pedagogia	7,6			Arquitetura	2,0		
		Serviço S.	3,5			Química	1,5		
		Geografia	2,0			Design	0,5		
		História	1,5			Física	0,5		
		Meteorologia	1,5			Agrárias	7,6	Zootecnia	3,5
		Filosofia	0,5					Agronomia	2,0
				Agroecologia	2,0				
Saúde	17	Medicina	7,6	Sociais	9,6	Ciências Contábeis	3,5		
		Enfermagem	3,5			Administração	2,0		
		Nutrição	2,0			Direito	1,5		
		Farmácia	1,0			Jornalismo	1,0		
		Educação Física	1,0			Ciências Econômicas	0,5		
		C. Biológicas	1,0			Relações Públicas	0,5		
		Odontologia	0,5			Biblioteconomia	0,5		

Gênero	%	Raça/Etnia	%
Feminino	69,3%	Branca	35,6%
Masculino	30,2%	Negra	17,3%
Não-binário	0,5%	Indígena	0,5%
		Parda	42,6%
		Amarela	4,0%
Orientação sexual	%	Classe social	%
Heterossexual	72,8%	Classe baixa	21,8%
Homossexual	10,4%	Classe média baixa	44,1%
Bissexual	14,9%	Classe média	28,7%
Pansexual	1,0%	Classe alta	5,4%

Tabela 02. Correlação entre as medidas de bem e mal-estar e variáveis socioeconômicas.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. Depressão	-										
2. Ansiedade	0,74**	-									
3. Estresse	0,79**	0,79**	-								
4. Bem-estar geral	-0,52**	-0,34**	-0,36**	-							
5. Emoções negativas	0,61**	0,60**	0,66**	-0,35*	-						
6. Saúde física	-0,47**	-0,45**	-0,38**	0,58**	-0,34**	-					
7. Solidão	0,44**	0,43**	0,45**	-0,3*	0,51**	-0,14*	-				
8. Felicidade	-0,48**	-0,36**	-0,31**	0,80**	-0,41**	0,52**	-0,34*	-			
9. Gênero	0,27**	0,28**	0,35**	-0,15*	0,33**	-0,16*	0,04	-0,05	-		
10. Orientação sexual	0,25**	0,23**	0,19**	-0,18*	0,06	-0,15*	0,23**	-0,25*	-0,07	-	
11. Raça/cor	0,02	0,03	0,05	-0,01	0,08	0,06	0,07	-0,04	0,01	-0,10	-
12. Classe social	-0,14*	0,18**	-0,12*	0,12*	-0,13*	0,12*	-0,12*	0,15*	-0,11	-0,01	-0,07

Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$ (teste bicaudal).

Tabela 03. Correlação entre as medidas de bem e mal-estar e variáveis socioeconômicas.

	Gênero										
	Homem		Mulher		F	I-J*	p				
	M	DP	M	DP							
Mal estar											
Depressão	18,97	12,61	25,80	12,74	13,394	6,83				0,001	
Ansiedade	11,68	11,09	18,85	11,82	16,425	7,17				0,001	
Estresse	20,43	11,42	28,88	10,33	26,883	8,44				0,001	
Bem estar											
Bem-estar geral	6,85	1,61	6,29	1,87	4,181	0,56				0,05	
Emoções negativas	6,19	2,49	7,71	1,80	23,824	1,52				0,001	
Saúde física	6,69	1,97	5,92	2,31	5,129	0,76				0,05	
	Orientação Sexual										
	Heterossexual		Homossexual		bissexual		F	I-J*	p		
	M	DP	M	DP	M	DP					
Mal estar											
Depressão	21,96	12,60	26,48	12,83	29,93	10,24	5,945	7,97			0,001
Ansiedade	15,16	11,80	18,56	13,55	22,35	8,31	4,993	7,19			0,001
Estresse	25,11	11,97	27,76	9,24	30,80	8,31	3,459	5,69			0,05
Bem estar											
Solidão	5,61	3,13	7,44	2,34	7,07	2,61	6,101	1,83			0,01
Felicidade	6,85	2,05	5,44	2,27	5,60	2,34	7,767	1,41			0,001
	Classe Social										
	Baixa		Média baixa		Média		Alta		F	I-J*	p
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP			
Mal estar											
Depressão	27,41	11,71	24,29	12,07	19,87	13,31	24,36	12,86	3,232	7,54	0,01
Ansiedade	20,64	12,57	17,26	12,25	18,84	10,50	15,82	11,18	3,790	7,80	0,001
Estresse	29,50	10,47	26,59	11,40	23,11	10,97	27,64	13,35	2,839	6,39	0,05
Bem estar											
Saúde física	5,31	2,30	6,14	2,11	7,00	2,04	5,27	2,57	5,765	1,68	0,001
Solidão	7,39	2,56	6,02	2,98	4,74	3,00	7,82	2,85	8,427	2,64	0,001
Felicidade	5,57	2,66	6,61	1,93	7,05	1,92	6,27	2,64	4,142	1,48	0,001

Nota: Teste *Post-hoc* Bonferroni - *I-J: diferença entre as médias.

Figura 01. Classificação Hierárquica Descendente (CHD) com plotagem de nuvem de palavras.

